

# **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO TEMA GERADOR DA CONSCIENTIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE DOS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL**

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como finalidade narrar às experiências e práticas pedagógicas ambientais desenvolvidas em um Serviço de Acolhimento Institucional. Por isso, buscamos propor uma alternativa pedagógica que esteja desassociada das relações de dominação e do modelo bancário de educação e que busque dialogar com os saberes produzidos coletivamente entre os adolescentes a fim de colaborar com a transformação da realidade vivenciada por eles. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa cartográfica, cuja coleta de dados se deu a partir das narrativas. Com relação aos resultados, os mais significativos foram: tornar o Serviço de Acolhimento Institucional um lugar mais humanizado, democrático, participativo e colaborativo; e contribuir com a formação de novos projetos de vida para os adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente, Acolhimento Institucional, Educação Ambiental.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade podemos considerar um desafio desenvolver práticas pedagógicas que dialoguem com a formação cidadã, crítica e transformadora da realidade na qual os adolescentes estão inseridos. Tal prática evita estabelecer com eles uma relação de dominação baseada no “modelo bancário de educação” (FREIRE, 2017).

O Serviço de Acolhimento Institucional (SAI), *lócus* da pesquisa, está localizado na Região Metropolitana da Grande Vitória e atende adolescentes do sexo masculino, cuja maioria são negros e que já haviam cometido ato infracional, cumprido medida socioeducativa de internação no IASES (Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo) e também eram acompanhados no CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social).

Diante da realidade vivenciada por esses adolescentes, estar acolhido em um abrigo significa ter os seus direitos resguardados, em relação à alimentação, à higienização, à moradia, à saúde, à educação, ao lazer e ao atendimento psicossocial para fins de encaminhamento a rede de serviços socioassistenciais.

Contudo, observamos que esse conjunto de serviços prestados eram insuficientes no sentido de garantir que os adolescentes pudessem despertar a sua consciência crítica-reflexiva e cidadã, a fim de se tornarem protagonistas de sua história, ao desenvolverem projetos de vida que perpassem a compreensão da consciência de classe e fortalecimento dos espaços de construção coletiva.

Diante dessa realidade, pensamos em abordar a educação ambiental estando associada ao conceito de cidadania, que considere as inúmeras situações que envolvem a complexidade das relações humanas e ambientais, associando-a ao contexto histórico, social, econômico, político e ideológico vigente (REIGOTA, 1995).

O despertar da consciência crítica requer a descolonização das mentes dos sujeitos dominados, bem como o reconhecimento da sua condição de oprimido e explorado. Isso

porque, vivenciar o processo de desalienação enquanto oprimidos é lidar com a inversão do real que nos foi forjada historicamente, o que demanda a superação e reconhecimento da condição de ser em situação de opressão, que busca se emancipar, não para se igualar ao opressor, perpetuando as relações desiguais de poder, ou se tornar o opressor daqueles que lhes oprimia, trata-se de um movimento de libertação e humanização dos oprimidos e opressores, visando à construção de uma sociedade mais justa e igualitária (FREIRE, 2017).

Desse modo, a educação ambiental foi uma das alternativas para promovermos o engajamento político, dialogar com o saber produzido e compartilhado cotidianamente entre os sujeitos invisibilizados e marginalizados na busca de reafirmar a autonomia desse grupo de adolescentes como cidadãos de direitos.

Através das atividades práticas de educação ambiental, associadas ao diálogo, os adolescentes tiveram a oportunidade de atuar como oficinairos de origami, artesanato e desenho em alguns espaços comunitários como projetos sociais, serviço de convivência e fortalecimento de vínculo para a terceira idade, abrigo de crianças e no Programa Mais Educação. Eles também começaram a participar das formações para adolescentes e jovens com o objetivo de, futuramente, sentirem-se interessados a ocupar os Conselhos de Direito e outros espaços de representação e participação social.

Em algumas datas comemorativas, tais como: dia das mães, dos idosos e das crianças, os adolescentes confeccionaram artesanato de materiais reciclados para serem doados. Esse retorno comunitário despertou o interesse de várias pessoas do entorno do abrigo em conhecer o trabalho que era realizado no local, com isso conseguimos construir uma rede de solidariedade. Além disso, organizamos com os adolescentes momentos de mostra cultural para divulgar os trabalhos e as habilidades artísticas dos educandos.

A partir dessas novas experiências cotidianas, os adolescentes começaram a apresentar outro comportamento, permitiram-se compartilhar e construir uma nova história, mesmo estando institucionalizados. Podemos destacar que durante esse processo todos foram ressignificados, tanto quem educa quanto quem é educado.

## **OBJETIVOS**

### **Geral**

- Narrar às experiências e práticas pedagógicas ambientais desenvolvidas em um Serviço de Acolhimento Institucional.

### **Específicos**

- Propor uma alternativa pedagógica que esteja desassociada das relações de dominação e do modelo bancário de educação;
- Dialogar com os saberes produzidos coletivamente entre os adolescentes visando contribuir com a transformação da realidade vivenciada por eles.

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

A escolha do método de pesquisa cartográfica ocorreu devido a sua aproximação com os estudos nos/dos/com os cotidianos. A cartografia tem como finalidade acompanhar os processos em curso, os seus efeitos e a produção de subjetividades (BARROS; KASTRUP, 2012).

De acordo com a cartografia, a interpretação e a representação da realidade social estão conectadas às nossas habilidades de reinventar os modos de estar no mundo, por isso, pesquisar os cotidianos, permite-nos aprender a dialogar com a própria história, dando visibilidade aos saberes de origem popular.

Quanto à coleta de dados, utilizamos as narrativas em educação pelo fato de buscar compreender a realidade cotidiana, a partir da colaboração entre o pesquisador e pesquisado, evidenciando a voz desses sujeitos.

Com relação às ações metodológicas desenvolvidas com os adolescentes do abrigo, destacamos: horta, jardim, cultivo de algumas espécies de plantas medicinais, composteira caseira, tinta orgânica, oficinas de culinária sobre reaproveitamento alimentar, oficina de artesanato de material reciclado e organização de um espaço de

leitura com livros de literatura para adolescentes abordando assuntos sobre meio ambiente. Além disso, organizamos visitas a parques e demais instituições que trabalham com a temática de educação ambiental, o ecoturismo e a sustentabilidade.

Através das palestras e rodas de conversas quinzenais, trabalhamos os 05 R's (repensar, reduzir, reaproveitar, reutilizar e reciclar), de forma crítica e propositiva, bem como organizamos as atividades de educação ambiental em dois grupos: "plante uma idéia", que estava relacionado aos momentos de formação; e "atitude sustentável", mais direcionado às oficinas e ações comunitárias com foco na temática ambiental.

Durante os encontros exibimos filmes e documentários que abordavam sobre os movimentos sociais com foco na Diversidade Sexual, Juventude Negra, Movimento Sem Terra, População em Situação de Rua, Pequenos Agricultores, Cooperativas de Catadores de Material Reciclado, Hip Hop dentre outros.

## **RESULTADOS ALCANÇADOS**

Com relação aos resultados podemos destacar o fato de termos conseguido transformar o Serviço de Acolhimento Institucional em um local mais humanizado, democrático, colaborativo e participativo. Através das mudanças ocorridas no local, elaboramos com cada adolescente o seu projeto de vida, respeitando as suas singularidades. Todos os adolescentes foram inseridos na escola, a partir da demanda apresentada por eles, após cada qual, no seu tempo, compreender a importância da educação para realizarem os seus projetos de vida.

Além disso, organizamos com os adolescentes a proposta de acordo de convivência e sua rotina pedagógica, social individual e coletiva; reduzimos o índice de adolescentes que evadiam do abrigo, ao proporcionarmos a estes um ambiente acolhedor; diminuimos as relações conflituosas entre os adolescentes, ao utilizarmos como estratégia o diálogo e outras medidas educativas, evitando acionar a polícia para coagi-los, puni-los e impor-lhes uma suposta ordem social.

Ainda conseguimos reduzir a quantidade de medicamentos entre os adolescentes, essa decisão ocorreu após avaliação e acompanhamento do psiquiatra, que observou o fato dos adolescentes terem uma rotina e se identificarem com ela contribuiu com o equilíbrio emocional deles, evitando os casos de reincidência de automutilação, tentativa de suicídio e alucinações.

Soma-se a isso o fato de termos desconstruído a imagem negativa que os adolescentes institucionalizados tinham na comunidade em que está situado o abrigo. Posterior a essa mudança, estabelecemos parceria com os moradores da região a fim de que fossem ofertadas atividades que pudessem fortalecer os vínculos comunitários dos adolescentes e organizamos momento de mostra cultural para expormos os trabalhos realizados por eles como forma de valorizar o saber e as habilidades de cada um.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. 253p.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995. 87p.